



## SIMILARIDADES TEÓRICAS ENTRE OS PENSAMENTOS DE MILTON SANTOS E ORTEGA Y GASSET

### THEORETICAL SIMILARITIES BETWEEN THE THOUGHTS OF MILTON SANTOS AND ORTEGA Y GASSET

**Hugo Aureliano da Costa** – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal – RN  
[aureliano.hugo@gmail.com](mailto:aureliano.hugo@gmail.com)

#### RESUMO

Este ensaio objetiva apresentar como o pensamento de Milton Santos é ressignificado a partir da obra do filósofo Ortega y Gasset, demonstrando as similaridades entre os pensamentos dos dois teóricos. Assim, para identificar essas similitudes, procurou-se neste trabalho compreender como as estruturas do pensamento orteguiano contribuem para a construção da Geografia Nova de Milton Santos. Para isso, a fim de identificar tal correlação, realizou-se uma pesquisa bibliográfica de cunho teórico apoiada nas principais obras do filósofo espanhol e do geógrafo brasileiro com o intuito de compreender as interligações e similaridades dos pensamentos desses dois autores.

**Palavras-chave:** Ortega y Gasset; Milton Santos; Geografia Nova.

#### ABSTRACT

This essay aims to present how the thought of Milton Santos is re-signified from the work of the philosopher Ortega y Gasset, demonstrating the similarities between the thoughts of the two theorists. Thus, in order to identify these similarities, this work sought to understand how the structures of orteguiano thought contribute to the construction of Geografia Nova by Milton Santos. For this, in order to identify such a correlation, bibliographic research of a theoretical nature was carried out based on the main works of the spanish philosopher and the brazilian geographer in order to understand the interconnections and similarities of the thoughts of these two authors.

**Keywords:** Ortega y Gasset; Milton Santos; Geography New.

## INTRODUÇÃO

Milton Santos, geógrafo brasileiro, foi um dos teóricos mais proeminentes das ciências humanas e, em especial, da Geografia mundial do século XX. Herdeiro da tradição francesa, nos anos 1970 sofreu enorme influência do pensamento marxista e, em especial, de Henri Lefebvre. Porém, nas duas décadas posteriores, a partir da inclusão da fenomenologia no seu pensamento, Milton Santos passa a incorporar

---

preceitos do existencialismo e de outras correntes filosóficas em sua obra. É muito comum observar artigos que constataam a influência de Jean-Paul Sartre no pensamento de Milton Santos, como, por exemplo, os estudos elaborados por Saquet e Silva (2008), Lustosa (2011) e Almada (2013). Cabe destacar, no entanto, que há poucos estudos que mensuram a influência do filósofo espanhol José Ortega y Gasset sobre o pensamento miltoniano.

Este ensaio, portanto, objetiva apresentar como o pensamento de Milton Santos é ressignificado a partir da obra do filósofo Ortega y Gasset, demonstrando as similaridades entre os pensamentos dos dois teóricos. Embora Ortega y Gasset seja considerado um relevante teórico do conservadorismo europeu do início do século XX, diversos elementos de sua obra se correlacionam com elementos teóricos da Geografia Nova de Milton Santos. Por isso, apesar da aparente diferença ideológica entre os pensamentos, as estruturas do pensamento orteguiano contribuem e se assemelham de forma clara com a Geografia de Milton Santos. Assim, para observar essas similitudes, realizou-se uma pesquisa bibliográfica de cunho teórico apoiada nas principais obras do filósofo espanhol e do geógrafo brasileiro a fim de compreender as interligações e similaridades entre os elementos e categorias de pensamentos dos dois autores.

O presente artigo está dividido em 5 partes, além da presente introdução. Na segunda parte do trabalho se discute como o conceito de espaço geográfico do Milton Santos pode se associar às concepções de mundo e de circunstâncias do Ortega y Gasset, evidenciando a centralidade da categoria ação na constituição dos fenômenos. Em seguida, no terceiro tópico, reflete-se sobre a noção de técnica elaborada pelos dois autores, ressaltando a importância do fenômeno técnico para a constante transformação do mundo. No quarto tópico é demonstrado como, a partir da ideia de uso de Ortega y Gasset, Milton Santos elabora a noção de território usado como uma categoria de análise social e empírica da Geografia. Por fim, sintetiza-se nas Considerações Finais as similaridades entre as teorias do filósofo espanhol e do geógrafo brasileiro.

---

## ESPAÇO GEOGRÁFICO, CIRCUNSTÂNCIAS E MUNDO: O EXISTIR HUMANO

Milton Santos buscou na tradição geográfica e na filosofia as bases para uma Geografia Nova. É fato notório que na sua principal obra, *A Natureza do Espaço* (2012 [1996]), esse autor procurou formular um sistema coerente de ideias, isto é, um corpo teórico fundamentado em conceitos, categorias de análise e no objeto de estudo da Geografia: o espaço geográfico.

De acordo com Santos (2012, p. 63), o espaço geográfico é “formado por um conjunto indissociável, solidário e contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá.” A existência humana, para esse autor, está intrinsecamente relacionada aos objetos e às ações. São esses dois, em sua completude, quem definem o espaço geográfico, que é onde os seres humanos vivem. Conforme aponta Dantas (2014), parte da inspiração dessa formulação provavelmente se originou no pensamento orteguiano. Ortega y Gasset (2017) procura, em sua teoria, associar a existência do homem às suas circunstâncias, isto é, as coisas cujo homem encontra para existir. A inseparabilidade entre os homens e as coisas é um traço central na obra de Ortega. Dantas (2014, p. 54 e 55) sintetiza essa similaridade afirmando que “nem coisas já prontas, nem um eu já pronto. Coisas e eu são apenas possibilidades que somente são na relação de constituição da vida humana. Acreditamos que essa formulação orteguiana seja uma das inspirações de Milton Santos para elaboração da noção de espaço como ‘sistema de objetos e sistema de ações’”.

Para Ortega (2017), o homem existe com suas circunstâncias, isto é, com tudo o que lhe rodeia. O primeiro ponto importante para compreender essa assertiva do Ortega y Gasset é entender como esse autor apreende a ideia de circunstância: “Chamemos [...] essa circunstância na qual, ao viver, nos encontramos sempre, de mundo. Pois bem, esse mundo no qual tenho de ser ao viver me permite escolher, *dentro dele*, estar neste lugar ou noutro, mas a ninguém é dado escolher o mundo em que se vive: é sempre este, este de agora.” (ORTEGA Y GASSET, 2017, p. 63) Apoiado nessa reflexão, pode-se falar que o homem existe sempre dentro do mundo – e não fora dele. Nenhuma existência ocorre fora da realidade, pois, para se constituir enquanto

---

ente, é necessário o homem estar em algum lugar, localizado em uma específica circunstância no mundo. Segundo esse autor, o mundo em que todo homem se constitui é o de “agora”, ou seja, vive-se em um determinado mundo em um tempo específico, com circunstâncias e características únicas de cada época, sendo influenciado por tais circunstâncias e as influenciando. Portanto, o homem influencia o mundo e é influenciado por esse próprio mundo.

Observa-se raciocínio semelhante a esse no pensamento de Milton Santos acerca do espaço geográfico. Conforme aponta Santos (2016), o espaço é constitutivo da existência humana e é, portanto, uma instância social, como também são a cultura, a política e a ideologia. De acordo com Santos (2012), o homem não se separa do espaço, porque vive no espaço, daí o influenciar e ser influenciado pelo próprio espaço. Isto é, homem e espaço são interligados. Não há, de um lado, o homem e, de outro, o espaço. O homem se constitui com o espaço e o espaço se constitui com o homem.

Segundo Santos (1996, p. 14), “o espaço é uma funcionalização do mundo” e “é considerando o espaço como uma funcionalização do mundo que ficamos autorizados a fazer o caminho entre o ser e o existir”. O espaço geográfico compõe a vida do homem e é nele onde, de acordo com esse autor, o ser humano realiza sua existência. Portanto, o homem e o espaço geográfico são entendidos indissociavelmente. A inseparabilidade do homem com os objetos e com tudo o que lhe rodeia é, dessa forma, um fato constituinte da existência humana.

Para Ortega y Gasset (2016, p. 110), “toda a vida é estar dentro da ‘circunstância’ ou do mundo. Porque esse é o sentido original da ideia de ‘mundo’. Mundo é o repertório de nossas possibilidades vitais.” Aqui pode-se relacionar duas ideias: circunstância, no entendimento de Ortega y Gasset, significa o mais íntimo ao homem, onde o homem efetiva sua realidade com tudo o que lhe rodeia ou, como Dantas (2014, p. 55) afirma, “a circunstância é a ‘outra metade de minha pessoa’. Se somente me constituo com o que me cerca, somente me constituo segundo uma geografia, segundo uma espacialmente.” O mundo, de tal modo, é o todo, mas o todo enquanto possibilidades vitais. Essa relação entre o singular e universal também é proposta por Milton Santos (2012, p. 337) quando afirma que o “o Mundo, porém, é apenas um

---

conjunto de *possibilidades*, cuja efetivação depende das *oportunidades* oferecidas pelos lugares.”

Portanto, não há homem separado do mundo (do espaço) e são essas possibilidades que compõem a existência do Ser Humano. Pelo fato de o mundo ser o todo, o homem transforma suas circunstâncias e, por consequência, o mundo. Daí Ortega y Gasset (2017, p. 39) falar que “o homem humaniza o mundo”, afinal as transformações específicas influenciam no todo, pois o homem precisa agir para Ser. Percebe-se, mais uma vez, que Santos e Ortega apresentam semelhanças em suas ideias no que se refere à constituição intrínseca do homem com o espaço/mundo.

Maria Adélia de Souza (2021) demonstra que o entendimento de Ortega y Gasset sobre a inseparabilidade entre a realidade humana e o mundo pauta a discussão da Geografia, especialmente a partir dos estudos inspirados pela obra de Milton Santos. Por isso, “a necessidade fundamental nesta contemporaneidade é o aprimoramento do conhecimento das disciplinas sobre o conhecimento do mundo, como proposto acima por Heidegger ou por Ortega y Gasset, como algo inseparável da ‘realidade humana’.” (SOUZA, 2021, p. 46)

A respeito dos modos de existir da realidade humana, segundo Ortega y Gasset (2017, p. 42), “o destino do homem é, pois, primariamente, *a ação*.” (p. 42) A ação é uma categoria importante nos pensamentos de Milton Santos e de Ortega y Gasset, haja vista que se refere a capacidade do homem de agir e de transformar suas circunstâncias/o mundo.

“O homem é a única realidade que não consiste simplesmente em ser, mas em ter de escolher seu próprio ser.” (ORTEGA Y GASSET, 2017, p. 65) Ao escolher Ter de Ser, é necessário agir, criar uma ação para transformar suas circunstâncias, posto que o homem, de acordo com Ortega y Gasset (*ibidem*, p. 73), “ao se encontrar vivendo, encontra-se tendo que se haver com isso que chamamos de entorno, circunstância ou mundo”. Como afirma Dantas (2014, p. 54), “o Ter de ser [...] demanda sempre a minha relação com as coisas. Somente sou na minha inseparabilidade com as coisas. Essa inseparabilidade originária do eu com as coisas é o que Ortega chama de realidade

---

radical.” Para transformar o mundo, “o homem volta a submergir no mundo para agir nele conforme um plano preconcebido; é a *ação*, a vida *ativa*, a *práxis*” (ORTEGA Y GASSET, 2017, p. 42) e “a *ação* é agir sobre o entorno das coisas materiais ou dos outros homens conforme um plano preconcebido numa prévia contemplação ou pensamento.” (ORTEGA Y GASSET, 2017, p. 48)

Ao escolher Ter de Ser, o homem precisa de alguma forma Ser. Para isso é necessário agir, isto é, ter ação diante das circunstâncias. “Trata-se de um fazer-se, constituir-se na e pela relação. Trata-se da constituição mesma do homem com seu corpo inorgânico” (DANTAS, 2015, p. 54). Por isso a ação é tão importante para Ortega y Gasset, pois é constitutiva do próprio modo de existir.

Milton Santos (2012) também compreende a centralidade da ação na constituição dos fenômenos humanos, tendo em vista que a ação “é o próprio do homem” (p. 82) e apenas o ser humano apresenta finalidade e objetivo. As ações são compreendidas por esse autor como um “processo, mas um processo dotado de propósito” (p. 78). Nesse caso, as ações têm objetivos e finalidades, isto é, elas necessitam existir no espaço geográfico com um determinado fim, o que geralmente está associado à intencionalidade dos homens, das instituições e das firmas, uma vez que são eles quem têm a capacidade de agir no espaço geográfico. Não se entende as ações separadas dos objetos, muito menos os objetos distanciados das ações. São os objetos e as ações, de forma inseparável, que apresentam as características dos fenômenos no espaço geográfico. Esse entendimento configura o método da Geografia, pois “a geografia deve estar atenta para analisar a realidade social total a partir de sua dinâmica territorial, sendo esta proposta um ponto de partida para a disciplina, possível a partir de um sistema de conceitos que permita compreender indissociavelmente objetos e ações.” (SANTOS, 2006, p. 5)

Os dois teóricos, portanto, coadunam com a perspectiva de que as ações são imprescindíveis para o existir dos homens no mundo. Essas ações existem interligadas pelos seus sujeitos (homens, firmas e instituições) com os objetos e com suas circunstâncias.

---

Ortega y Gasset está preocupado, então, em demonstrar como a vida se liga às circunstâncias e ao tempo no qual o homem está submetido. O mundo em que o Ser mora e quando existe são fatores essenciais aos modos da existência humana. Porém, o ser humano não é algo passivo. Ao lidar com as coisas (objetos), é necessário agir (ação) sobre elas para Ter de Ser. E isso é o que transforma essas circunstâncias, haja vista que o homem é influenciado pelas circunstâncias, mas também as transforma/produz. Essa mesma ideia provavelmente é balizadora do pensamento miltoniano a respeito do espaço geográfico e de sua indissociabilidade entre os objetos e as ações. Para Milton Santos, o tempo e o espaço influenciam a existência humana (o homem), mas a possibilidade de agir sobre eles também os influenciam. Portanto, os homens, as firmas e as instituições têm ações sobre os objetos, sofrem a influência do espaço e influenciam o próprio, transformando os lugares e, por consequência, o espaço geográfico. Desse modo, é por intermédio das múltiplas ações que os homens modificam o espaço geográfico, alterando os lugares e as regiões – locais da existência humana.

Assim, pode-se inferir que as ideias de Ortega y Gasset e Milton Santos referentes à indissociabilidade entre os homens e o mundo/espaço geográfico, bem como sobre o papel central da ação para o existir humano são similares e, desse modo, convergentes.

### **TÉCNICA: CENTRALIDADE DO FENÔMENO TÉCNICO NAS TRANSFORMAÇÕES DO MUNDO**

A noção mais evidente da influência do pensamento de Ortega y Gasset sobre a obra de Milton Santos é a questão da técnica. Para Dantas (2014, p. 55), a técnica é “um elemento caro tanto a Ortega quanto a Milton”. Ressaltando a influência da noção de técnica de Ortega y Gasset sobre o pensamento de Milton Santos, Faria (2010, p. 65) afirma que “nenhum homem está fora do mundo, da sua ou das suas totalidades, como, também, nenhum homem vive sem técnica ou sem a presença dela.” Isto é, a técnica é um elemento constituinte da existência humana. Assim sendo, torna-se explícito, como

---

evidenciam alguns autores, a exemplo de Dantas (2014), Alves, Holanda e Alves (2022) e Lima (2014), que a centralidade do fenômeno técnico é indispensável nas análises de Milton Santos e de Ortega y Gasset, sendo evidente que este influencia aquele, como o próprio Santos admite no livro *A Natureza do Espaço*.

De acordo com Santos (2012, p. 29), “a principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica.” Em razão disso, as técnicas adquirem centralidade, uma vez que integram o homem ao meio e permitem a transformação deste a partir daquele. “A técnica é o contrário da adaptação do sujeito ao meio, visto que é a adaptação do meio ao sujeito.” (ORTEGA Y GASSET, 1993, p. 13) Portanto, “as técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço.” (SANTOS, 2012, p. 29) Ou seja, há três aspectos referentes à técnica na obra dos dois autores: a técnica é a adaptação do meio ao sujeito; a relação entre o homem e o meio ocorre por intermédio da técnica; e a técnica diz respeito aos instrumentos pelos quais o homem realiza sua vida. A técnica apresenta enorme protagonismo na análise do mundo, pois o homem, para existir, deve em sua existência utilizar técnicas com o intuito de adaptar o meio aos seus desígnios, o que irá modificar os lugares e o espaço geográfico.

Nas últimas décadas, as técnicas evoluíram de tal modo que se manifestam em uma unicidade, isto é, existem interligadas na forma de um sistema. De acordo com Santos (1995), pode-se chamar o sistema de técnicas também por fenômeno técnico. Assim, “só o fenômeno técnico na sua total abrangência permite alcançar a noção de espaço geográfico.” (SANTOS, 2012, p. 37) O homem deve adaptar o meio, mediante o uso das técnicas, às suas necessidades, influenciando suas circunstâncias/mundo e sendo influenciado pelo espaço geográfico. Como este se refere aos sistemas de objetos e sistemas de ações, o fenômeno técnico estará incluído especialmente nos objetos técnicos presentes no espaço.

Por isso, a existência do homem, seu estar no mundo, não é um estar passivo; ele tem, ao contrário, de lutar, forçosa e constantemente, contra as dificuldades que se contrapõem a que seu ser se aloje no mundo. Note-se bem: à pedra é dada pronta sua existência, ela não

---

tem de lutar para ser o que é: pedra na paisagem. Mas, para o homem, existir é ter que combater incessantemente contra as dificuldades que o entorno lhe oferece; por conseguinte, é ter de fazer, a cada momento, sua própria existência. (ORTEGA Y GASSET, 1993, p. 29)

O fenômeno técnico diz respeito aos objetos e aos atos/ações relacionados com a técnica. Devido a isso, para se tornar de fato realidade, o homem deve energizar suas forças e criar atos técnicos. Segundo Ortega y Gasset (1993, p. 13), “atos técnicos [...] não são aqueles em que o homem procura satisfazer diretamente as necessidades que a circunstância ou natureza o faz sentir, mas são precisamente aqueles que fazem o homem reformar essa circunstância, eliminando ou diminuindo a casualidade e o esforço para satisfazê-las.” A técnica não se restringe às necessidades básicas do ser humano, ela também está vinculada a seu bem-estar. É a busca pelo bem-estar, ou em outras palavras, pelo supérfluo, que permite ao homem transformar a natureza e o mundo, através da técnica, para satisfazer suas distintas necessidades.

Portanto, “não existe homem sem técnica.” (ORTEGA Y GASSET, 1993, p. 22) A técnica reforma a natureza e o mundo, dotando esse mundo de objetos técnicos e de todos os acréscimos recentes da história. “A técnica é, pois, a reação enérgica contra a natureza ou circunstância, reação essa que leva a criar entre a natureza ou circunstância e o homem uma nova natureza, posta sobre aquela, uma sobrenatureza.” (*ibidem*, p. 12)

A técnica objetiva “criar possibilidades completamente novas, produzindo objetos que não existem na natureza do homem. Assim, o navegar, o voar, o falar com o habitante de outro extremo do mundo mediante o telégrafo ou a radiocomunicação.” (ORTEGA Y GASSET, 1993, p. 24) As transformações recentes da natureza e do mundo são, de tal modo, técnicas. E a técnica une o homem à sua circunstância, integrando por completo os sistemas de ações e sistemas de objetos.

O fato absoluto, o puro fenômeno do universo que é a técnica, só pode acontecer nessa estranha, patética, dramática combinação metafísica, na qual dois entes heterogêneos – o homem e o mundo – se veem obrigados a unificar-se, de modo que um deles, o homem, consiga inserir seu ser extramudano no outro, que é precisamente o mundo. Esse problema, quase de engenharia, é a existência humana. (ORTEGA Y GASSET, 1993, p. 36)

---

Destarte, não há homem sem técnica e fora do mundo. O homem muda o mundo com a técnica e se integra ao mundo mediante os objetos técnicos. Mesmo com a mais rudimentar técnica possível, o homem só existe se houver objetos técnicos para satisfazer suas necessidades. A “‘necessidade humana’ engloba indiferentemente tanto o objetivamente necessário quanto o supérfluo.” (ORTEGA Y GASSET, 1993, p. 15) Isto é, não é a busca pela sobrevivência que produz as novas técnicas no mundo – e sim a pretensão pelo bem-estar, ou seja, pelas novas necessidades. Como ressalta Ortega y Gasset (*ibidem*), para atingir a esses novos desígnios, há um absoluto progresso da técnica. Percebe-se, então, “a universalidade das técnicas não mais como tendência, mas como fato.” (SANTOS, 2012, p. 57)

O fenômeno técnico vai além das necessidades básicas do ser humano, há décadas o homem objetiva com a técnica garantir qualidade de vida para o seu existir. São essas novas possibilidades que permitiram ao homem transformar o mundo, especialmente nos últimos 50 anos.

Ortega y Gasset percebeu, no período entreguerras, que a ciência se aliava à produção técnica, criando de forma incessante objetos técnicos com caráter tecnológico e despertando novas necessidades. Por isso, segundo esse autor, “ao falar da técnica, a rapidez com que se esquece de que a ciência pura é sua víscera cordial, e que as condições de perpetuação abarcam as que tornam possível o puro exercício científico.” (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 157) Além disso, Ortega ainda ressalta que a técnica se vincula ao poder financeiro, haja vista que as grandes empresas, para obter lucros incessantes, produzem – alicerçadas na ciência – objetos técnicos e estão sempre a ressignificar o mundo. Portanto, de acordo com esse autor, “a técnica contemporânea nasce da copulação entre o capitalismo e a ciência experimental.” (2016, p. 185)

Esses dois fatores, ciência e capitalismo, permitem que a produção técnica sempre se renove, uma vez que o lucro em nível global existe a partir da venda de objetos técnicos em diferentes localidades. Isto é, a intencionalidade em busca do lucro faz com que novas técnicas sejam desenvolvidas, em especial nos países mais ricos, com a criação de uma mais-valia global. O próprio Ortega y Gasset (1993) ressalta que o devir técnico está associado ao objetivo por trás de sua produção, exemplificando que “o

---

povo onde predomina a ideia de que o verdadeiro ser do homem é ser *bodisatva* não pode criar uma técnica igual àquele outro povo onde se aspira a ser *gentleman*.” (p. 40) Logo, técnicas são criadas de acordo com as necessidades das sociedades. Sociedades velozes, por exemplo, querem diminuir o tempo de circulação e, para isso, desenvolvem técnicas com esse fim; enquanto sociedades contemplativas não criam um foguete ou um avião em razão de não ser esse um objetivo prioritário de suas existências. A produção das técnicas, por conseguinte, está relacionada às necessidades das sociedades.

Nos últimos anos, o fator informacional, como observado por Santos (2021), tornou-se um dado onipresente na produção dos novos objetos técnicos em escala global. É a característica mais recente do fenômeno técnico. Por isso, a informação é tão relevante na produção dos objetos e, por consequência, do meio geográfico, haja vista que, a partir de sua importância, deve-se chamar o meio atual de meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 2012).

Ortega y Gasset (1993, p. 56 e 57) afirma que há 3 períodos referentes à produção técnica: 1) A técnica do acaso; 2) A técnica do artesanato; e 3) A técnica do técnico. Esta é a que diz respeito ao último período da humanidade, apesar de sua periodização ter sido realizada há quase 1 século. Santos (2012) discute a periodização realizada por Ortega y Gasset e procura associar o último período, a técnica do técnico, ao período técnico-científico-informacional, pontuando o acréscimo da informação na produção de objetos e ações. De acordo com Milton Santos, “o espaço é formado de objetos técnicos”, afinal a “técnica é, pois, um dado constitutivo do espaço e do tempo operacionais e do espaço e do tempo percebidos (2012, p. 55)

Cada época apresenta suas técnicas, mas hoje as transformações se tornam correntes e constantes, além do fato das técnicas se tornarem universais e corresponderem a um sistema. Há, a cada dia, novos objetos técnicos sendo criados, novos usos e novas necessidades para os homens. Os meios são dotados de conteúdos técnicos mediante a inserção de objetos técnicos e se tornam cada vez mais artificiais e racionais. Obviamente que as técnicas herdadas, como as rugosidades, ainda influenciam o presente, porém a difusão de novos objetos técnicos é um dado presente

---

da constituição da realidade. Alves, Holanda e Alves (2022, p. 38083) constataam a influência do pensamento de Ortega y Gasset no que se refere à centralidade da técnica e de como esta “é uma variável importante para entendermos a rugosidade, uma vez que ela progride juntamente com a história humana, pois o homem, como inovador, consegue através dela obter aquilo que deseja e necessita.”

O atual período é um emissor de objetos técnicos em escala global e, assim, a materialidade do mundo se torna cada vez mais artificial. A técnica se torna, portanto, um fenômeno central das sociedades contemporâneas, uma vez que permite a transformação total do meio e o redimensionamento do existir humano, como atestam Santos (2012) e Ortega y Gasset (1993).

#### **TERRITÓRIO USADO: CATEGORIA DE ANÁLISE DA GEOGRAFIA**

Outro elemento característico da Geografia de Milton Santos é a noção de uso, possivelmente herdada da filosofia de Ortega y Gasset. A tradição geográfica estabeleceu, durante décadas, que o território deveria ser definido a partir de sua relação com o poder. Ratzel (1983), Raffestin (1993), dentre outros, vincularam a ideia de território ao poder exercido dentro das fronteiras. Porém, fato é que nem todos exercem poder no território. Alguns utilizam o território apenas como abrigo, sem ter a possibilidade de utilizá-lo como recurso. Ao estabelecer a ideia de poder associada ao território, muito provavelmente a noção de território se pautará nas firmas e nas instituições (grandes agentes) que influenciam a dinâmica da sociedade. A noção de espaço banal, ao contrário, como o espaço de todos, independente de quem exerce poder ou não, associa-se melhor a esse debate. Destarte, ao invés de o poder ser o elemento constituidor da ideia de território, Santos e Silveira (2020) apresentam que a ideia de uso corresponde melhor à definição de território, visto que todos usam o território – apesar de nem todos exercerem poder sobre o território.

Por isso, esses autores afirmam que não é o território em si, mas o uso do território a categoria principal de análise da geografia. Os usos dizem respeito às ações, às práticas, aos poderes e ao viver coletivo a partir dos diversos atores. Ortega y Gasset,

---

inclusive, afirma que “os fatos sociais constitutivos são usos.” (2017, p. 24), corroborando com Souza que declara que “o ‘uso’ é resultado de práticas sociais”. (2019a, p. 16) Ou seja, o que constitui a sociedade são os distintos usos. As ações, dessa forma, também correspondem aos usos, afinal “o uso seria, pois, um hábito social” (ORTEGA Y GASSET, 2017, p. 225) e se “manifesta como sendo um costume, não de um indivíduo, mas essencialmente trans-individual.” (ORTEGA Y GASSET, 2017, p. 227) Daí a centralidade da categoria uso na análise geográfica.

Fabio Tozi (2015) atesta que o uso do território é categoria central da análise geográfica e observa como a ideia de uso perpassa as teorias de Milton Santos e Ortega y Gasset. De acordo com esse autor,

para Ortega Y Gasset 1973 [1926], apenas o homem é capaz de inventar, mas quando este projeto é posto aos outros indivíduos, à sociedade, ou seja, quando o uso realiza-se, ganha o sentido de um *fato social* (ibidem). Para que um uso se constitua, não é mister que todos estejam de acordo (ibidem). O uso do território revela ações, normas e materialidades constantemente recriadas que atendem aos desejos de seus agentes, compreendendo desde os interesses pessoais da sobrevivência dos indivíduos, da política de amplo alcance do Estado até os anseios da reprodução do capital como objetivo das corporações e como lema da modernização. (TOZI, 2005, p. 15886)

Portanto, há de fato uma relação entre uso e território, visto que “a realização do uso se dá, obrigatoriamente, no território” (TOZI, 2005, p. 15886). Por isso, uso e território se tornam indissociáveis na teoria do Milton Santos. Silva (2009), do mesmo modo, também enxerga tal indissociabilidade e afirma que há relação entre as ideias uso do território, de Milton Santos, e uso, do Ortega y Gasset. Essa autora sintetiza essa indissociabilidade entre uso e território afirmando que “o conceito de território poderá tornar-se uma categoria de análise social quando entendida como ‘territórios de usos’.” (SILVA, 2009, p. 76)

O espaço geográfico “encontra no uso do território sua expressão historicizada, empírica” (SOUZA e ZOMIGHANI JUNIOR, 2014, p. 187). O território usado,

como objeto de estudo geográfico, deve ser analisado como um conjunto indissociável, solidário, mas também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações constituídos pelas relações sociais. Portanto, o espaço geográfico é considerado uma instância

---

social, e o território usado, sua manifestação concreta historicizada (SOUZA e ZOMIGHANI JUNIOR, 2014, p. 187)

Destarte, não é o uso em si, nem o território em si a manifestação concreta dos fenômenos. É o território usado (uso e território integrados) que é o objeto dos estudos geográficos. O território usado “é tanto o resultado do processo histórico quanto a base material e social das novas ações humanas.” (SANTOS, 2005, p. 1) Por isso, os usos dos fenômenos (sistema de ações) em um determinado recorte espacial (território) correspondem ao território usado e, dessa forma, a essa historicização do espaço geográfico.

Assim, os usos do território correspondem a totalidade dos sistemas de objetos e sistemas de ações relacionados. Quando se analisa, por exemplo, um fenômeno específico, são os usos localizados desse fenômeno (no território) que devem ser apreendidos, isto é, as ações e os objetos geográficos referentes ao fenômeno específico constituem a existência dessa atividade, por exemplo.

Deve-se pontuar que os usos, portanto, são múltiplos. “La sociedad consiste primariamente en un repertorio de usos intelectuales, morales, políticos, técnicos, de juego y placer.” (ORTEGA Y GASSET, 1970, p. 45) Mas é essa multiplicidade de usos sociais localizados que irá configurar os usos do território pelos distintos atores de uma atividade. Por esse motivo, para Souza (2019b, p. 7),

o uso do território se constitui em uma categoria social de análise. Seu estudo nos permite verificar a forma como a sociedade produz e se organiza pelo uso do território, seus objetos geográficos, hoje cada vez mais tecnificados, a partir das ações realizadas por sujeitos, em função de seus interesses. São esses usos, por sua vez, constituídos pelas dinâmicas dos lugares, instituídos por acontecimentos solidários que revelam interesses específicos.

Cabe ressaltar que esse uso não se dá sobre um palco. Pelo contrário, existe mediante a influência das particularidades do espaço geográfico e do tempo. Ortega y Gasset, de tal modo, sintetiza que

ese pasado es pasado no porque pasó a otros, sino porque forma parte de nuestro presente, de lo que somos en la forma de haber sido; en suma, porque es *nuestro* pasado. La vida como realidad es absoluta presencia: no puede decirse que *hay* algo si no es presente, acual. Si,

---

pues, *hay* pasado, lo habrá como presente y actuando ahora en nosotros” (1970, p. 47)

Em razão disso, a materialidade (com formas herdadas e o presente) irá constituir os usos e influenciá-los. O papel da história é, por óbvio, muito importante. A ideia da história como sistema do Ortega y Gasset se refere ao fato de que o conjunto de usos se relaciona com um determinado período, mas que, em períodos posteriores, esse conjunto de usos não desaparece por completo, afinal, caso desaparecido, provavelmente se teria dificuldade para identifica-lo. A coexistência de objetos no espaço presente (mesmo pertencendo a época distintas) influencia toda a dinâmica dos usos e do próprio espaço. Por isso, “este hombre, esta nación hace tal cosa y es así *porque* antes hizo tal otra y fue de tal otro modo. La vida sólo se vuelve un poco transparente ante la *razón histórica*.” (ORTEGA Y GASSET, 1970, p. 49)

Dessa maneira, a percepção da centralidade do debate do território usado para a perspectiva miltoniana provavelmente tem como base a noção de uso de Ortega y Gasset. O uso do território se torna objeto de análise da Geografia, pois corresponde às ações de todos os agentes determinadamente localizadas, ou melhor, refere-se a um território (em sendo) usado e praticado. Sem dúvidas, a noção de uso representa de forma precisa a existência dos fenômenos, uma vez que engloba noções como prática, poder, ação e o próprio existir. Assim, a ideia de uso do território se torna importante para as análises geográficas, visto que corresponde a completude das atividades e das pessoas no espaço geográfico e é mais um fato percebível da influência do pensamento de Ortega y Gasset sobre a teoria de Milton Santos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tornou-se evidente neste ensaio que, de fato, há similaridades entre os pensamentos de Ortega y Gasset e o arcabouço teórico de Milton Santos. A constituição inseparável do homem com o mundo/espaço é um dado presente do nosso existir. O homem existe com suas circunstâncias, isto é, com o conjunto de objetos localizados no espaço e no tempo. Portanto, não há homem separado do espaço/mundo. As ideias de espaço geográfico, de Milton Santos (2012), e mundo, de Ortega y Gasset (2017), se

---

coadunam, pois correspondem ao todo no qual o homem está inserido e se constitui para existir. A ação, para os dois autores, é o que vai permitir o homem a agir nas circunstâncias, nos lugares. Não há vida sem ações e as ações são constituintes do homem. Por isso, só o homem tem ação. É dessa forma que se percebe a similaridade do pensamento orteguiano em relação a alguns aspectos fundamentais da geografia de Milton Santos.

Além disso, Ortega y Gasset (1993) denota enorme influência para o fenômeno técnico na constituição das sociedades. Milton Santos (2012), inclusive, afirma que a técnica une os elementos internos e externos do espaço geográfico. Destarte, os dois autores demonstram que a técnica é central para a existência dos homens e, em especial, para as transformações das sociedades, posto que, sem o fenômeno técnico, o homem não existiria da forma que existe, afinal ele adapta o meio a si e cria novas necessidades, ou seja, o seu bem-estar. Conforme Milton Santos (2012), os objetos geográficos correspondem às técnicas do espaço geográfico, uma vez que são criados objetivando variados fins. Dessa forma, dado o caráter técnico do meio técnico-científico-informacional e sua relação com o existir humano, percebe-se, mais uma vez, que a centralidade da técnica é apreendida, do mesmo modo, por Milton Santos e Ortega y Gasset.

Outro aspecto relevante na obra de Ortega y Gasset (2016; 2017) é a questão do uso. Este se define como fatos sociais constitutivos, o que corresponde às ações, ao poder, às práticas sociais e ao próprio existir. Para que as atividades existam, de acordo com Milton Santos, devem usar o território ou, em outros termos, um sistema de ações deve agir com o sistema de objetos no espaço geográfico. A especificidade de cada uso vai compor o território (em sendo) usado por determinada atividade. Assim, o território usado – união indissociável entre uso e território – é uma categoria social de análise do espaço geográfico, uma vez que corresponde a forma como a sociedade produz e se organiza pelos distintos usos (a partir das variadas ações) no território. A ideia de uso, elaborada por Ortega y Gasset (1970; 2016; 2017), ganha centralidade e é bastante similar à noção de uso utilizada por Milton Santos (2012; 2020) e Maria Adélia de Souza (2019a; 2019b).

---

Portanto, observa-se que em diversos aspectos a teoria de Milton Santos se correlaciona com o pensamento do filósofo Ortega y Gasset. Em categorias como técnica, usos, mundo, circunstâncias e ações se nota como o arcabouço teórico orteguiano apresenta similaridades com o sistema coerente de ideias proposto por Milton Santos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMADA, J. A. B. De. Espaço Geográfico e existencialismo: leitura de Sartre em Milton Santos. **Revista de Geografia - PP GEO-UFJF**, v. 3, n. 2, p. 1–7, 2013.

ALVES, M. do C.; DE HOLANDA, V. C. C.; ALVES, W. G. Usos do território e rugosidades, a intrincada rede de relações complexas no contexto da preservação / Use of territory and rugosities, the tangle network of complex relationships in the context of preservation. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 8, n. 5, p. 38076–38095, 2022.

DOI: 10.34117/bjdv8n5-352. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/48157>. Acesso em: 03 apr. 2023.

DANTAS, A. GEOGRAFIA E EPISTEMOLOGIA DO SUL NA OBRA DE MILTON SANTOS (geography and south epistemology in the Milton Santos work). **Mercator**, Fortaleza, v. 13, n. 3, p. 49–61, jan. 2015. ISSN 1984-2201. Available at: <<http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/1478>>. Date accessed: 02 apr. 2023.

FARIA, C. E. de. **Os eventos geográficos e a expansão urbana de Caicó: desigualdades e coexistências na URBE**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natal, 2010.

LIMA, Átila de M. GEOGRAFIA: FILOSOFIA DAS TÉCNICAS? REFLEXÕES PARA SE PENSAR UMA GEOGRAFIA DO TRABALHO. **PEGADA - A Revista da Geografia do Trabalho**, [S. l.], v. 15, n. 2, 2015. DOI: 10.33026/peg.v15i2.3054. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/3054>. Acesso em: 20 abr. 2023.

---

LUSTOSA, C. A. Milton Santos e o método da pesquisa em Geografia. **Revista Eletrônica: Tempo-Técnica-Território**, v.2, n.1 (2011), p. 58-70.

ORTEGA Y GASSET, J. **Historia como sistema**. Madrid: Revista de Occidente, 1970.

ORTEGA Y GASSET, J. **Meditação Sobre a Técnica**. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1993.

ORTEGA Y GASSET, J. **A Rebelião das Massas**. Campinas: Vide Editorial, 2016.

ORTEGA Y GASSET, J. **O Homem e os Outros**. Campinas: Vide Editorial, 2017.

RAFFESTIN, C. **Por Uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RATZEL, F. (1900). O solo, a sociedade e o Estado. **Revista do Departamento de Geografia**. n. 2, p. 93-101, 1983.

SANTOS, M. A questão do meio ambiente: desafios para a construção de uma perspectiva transdisciplinar. **Anales de Geografia de la Universidad Complutense**, (15): 695-705. 1995.

SANTOS, M. Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. **Boletim Gaúcho de Geografia**. Porto Alegre/RS, n. 21, p. 07-14, 1996.

SANTOS, M. O Papel Ativo da Geografia. Um Manifesto. **Revista Tamoios**. Rio de Janeiro/RJ. Ano II, V.1, p. 1-6, 2006.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. 4ªed. São Paulo: EDUSP, 2012.

SANTOS, M. **Por Uma Geografia Nova**. São Paulo: EDUSP, 2016.

SANTOS, M. **Por uma Outra Globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2021.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2020.

SAQUET, M. A.; SILVA, S. S. Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, ano 10, v. 2, n. 18, p. 24-42, jul./dez. 2008.

SILVA, S. S. da. **Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. 2009.

---

SOUZA, M. A. de; ZOMIGHANI JUNIOR, J. H. O uso do território e o judiciário no Brasil. A justiça sem chão. **Revista USP**, [S. l.], n. 101, p. 185-200, 2014. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i101p185-200. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/87826>. Acesso em: 01 abr. 2023.

SOUZA, M. A. de. Maria Adélia: “A tal Cidade Média sempre foi execrada por mim, pelo direito que tenho de fazê-lo no Brasil, pois criei o monstro!”. **Terr@ Plural**, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 12–25, 2019a. Disponível em:

<https://revistas.uepg.br/index.php/tp/article/view/13798>. Acesso em: 01 abr. 2023.

SOUZA, M. A. de. Território usado, rugosidades e patrimônio cultural: refletindo sobre o espaço banal. Um ensaio geográfico. **PatryTer – Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades**, 2 (4), p. 1-17. 2019b. DOI:

<https://doi.org/10.26512/patryter.v2i4.26485>.

SOUZA, Maria Adélia de. A Geografia Renovada e a compreensão do mundo atual: teoria e método. **Boletim Alfenense de Geografia**. Alfenas. v. 1, n.1, p. 21-56, 2021.

<https://doi.org/10.29327/243949.1.1-2>

TOZI, F. O TERRITÓRIO BRASILEIRO: RECURSO PARA A PRIVATIZAÇÃO DAS TELECOMUNICAÇÕES. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – Universidade de São Paulo**, p. 15877-15897. 2005.

---

**Hugo Aureliano da Costa** - Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre e Licenciado em Geografia pela UFRN.

---

Recebido para publicação em 21 de abril de 2023.

Aceito para publicação em 22 de junho de 2023.

Publicado em 10 de julho de 2023.